



Centenário da agência de Póvoa do Varzim

1920-2020

Enquadramento

No dia 2 de janeiro de 2020, assinalou-se o centenário da agência da Caixa Geral de Depósitos de Póvoa de Varzim.

Inicialmente, os serviços da Caixa foram instalados no edifício da Câmara Municipal, onde deverão ter funcionado até à inauguração das primeiras instalações do banco, em 1933.

Existem alguns documentos que atestam a veracidade dos factos, nomeadamente, correspondência dirigida ao futuro tesoureiro da agência, a 24 de dezembro de 1919, solicitando a sua tomada de posse a 2 de janeiro, data considerada para a abertura da mesma ao público.

No início da década de 1930, a Caixa promoveu a construção de instalações próprias em várias localidades do país. Esta iniciativa tornou-se ainda mais popular a partir do final da década com o Estado Novo e a criação da Comissão Administrativa das Obras da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (CAOCGDPC) que instituiu um programa com determinadas especificidades para o exterior dos edifícios, assim como, para a disposição dos espaços interiores na distribuição dos seus serviços.

1. Edifício próprio da Caixa Geral de Depósitos

Em 1931, mais precisamente no dia 22 de maio, o arquiteto Raul Martins apresentou ao Administrador Geral da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (CGDCP), o anteprojecto do edifício destinado à agência de Póvoa de Varzim a erguer na Praça do Almada. O arquiteto propôs-se otimizar o melhor possível a distribuição dos serviços de acordo com o espaço, no intuito de obter um trabalho sóbrio, sem grande elevação, mas de acordo com o fim a que se destinava:

Para que este fim fosse conseguido, instalei no primeiro pavimento os serviços da Caixa Económica e no 1.º andar os da Casa de Crédito Popular, que ficaram distribuídos da seguinte maneira: no rés-do-chão, com entrada directa pela Praça da República, o hall onde se encontra o cofre central, tendo anexo um gabinete para o chefe que também fica com entrada directa pela rua; o arquivo e casa-forte, aproveitando para esta os baixos da caixa da escada, levando porém as paredes blindadas com lages de cimento armado (...)

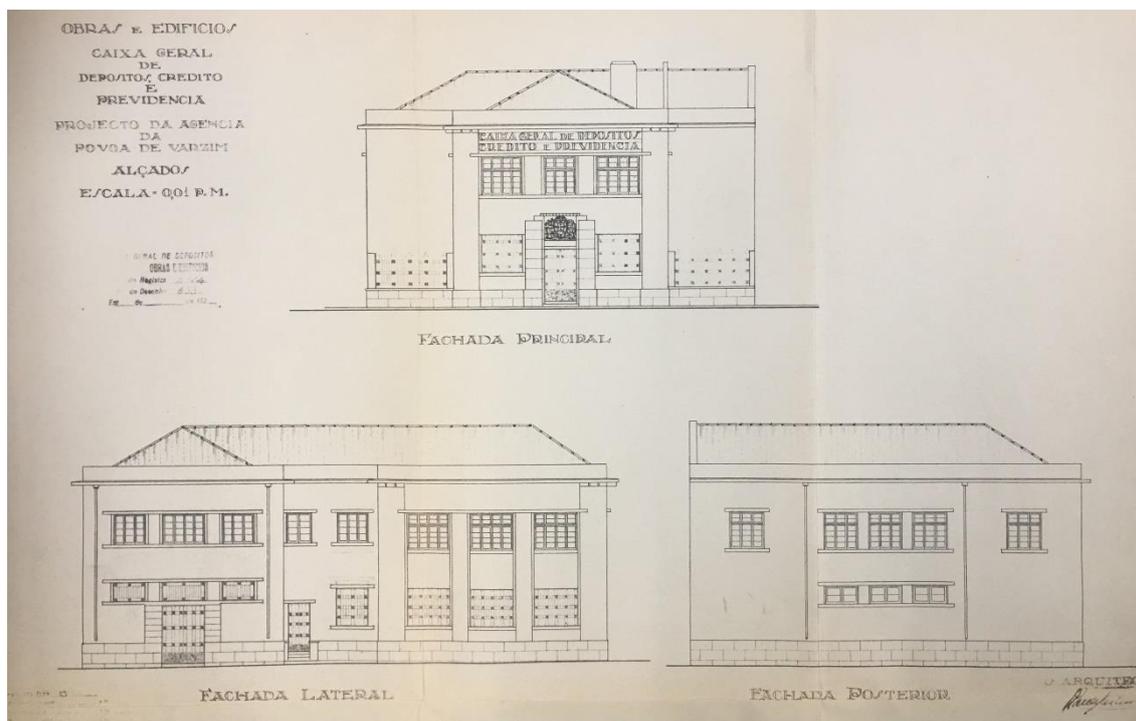
No 1.º andar ficará a habitação do chefe com nove compartimentos incluindo nestes a cozinha, despensa e casa de banho. A Casa de Crédito Popular será servida por dois balcões, um para as quatro cabines, outra para o público em geral e ainda uma sala de leilões (...)¹.

Para além destas características, Raul Martins visionou outros detalhes que se identificavam com as premissas do banco, nomeadamente, a confiança dos clientes desde sempre:

*Olhando-se para o anteprojecto, notar-se-á que o motivo de destaque da fachada principal é a porta. Para esta convergia minha atenção de maneira a conseguir que ela inspire confiança. Tem a ladeá-la dois pilares de aparência forte que sustentam e defendem também o símbolo da pátria, que se ergue no alto, e ficará sendo o “ex-libris” desta Caixa a empregar de futuro em todos os edifícios que se venham a construir (...)*².

A 6 fevereiro de 1932 assinou-se a escritura de adjudicação da empreitada de construção do edifício da agência ao empreiteiro Domingos Fernandes. Por seu lado, o arquiteto Raul Martins, comunica ao Administrador Geral da CGDCP que é seu prepósito:

*(...) colocar em todas as filiais e agências o escudo nacional, mas tratado de uma maneira decorativa especial, a torna-lo inconfundível (...)*³



Projeto do arquiteto Raul Martins, s/d [década de 1930]. Processo de obras, AHCGD (PISO -4)

No mesmo ano, o jornal *Diário da Noite* publicou um artigo com data de 12 de julho, onde é enaltecido o andamento dos trabalhos na obra de construção da nova agência sendo também, elogiada a dinamização do construtor e a sua recomendação quer para obras particulares, quer do Estado.

¹ In *Memória descritiva do anteprojecto para uma nova agência, na Póvoa de Varzim*, Raul Martins. AHCGD, Construção e Reparação de Edifícios: Agências.

² Idem.

³ In Carta dirigida pelo Arquiteto Raul Martins ao Administrador Geral da CGDCP. AHCGD, Construção e Reparação de Edifícios.

A par da construção do edifício foi encomendada uma tela decorativa para a sala do público. Este trabalho foi adjudicado ao pintor Júlio Santos que apresentou a intenção de pintar as atividades do país: a agricultura, a indústria e a pesca. Na descrição do trabalho, Júlio Santos propõe a figura da mulher como elemento de equilíbrio ao centro, erguendo o escudo (símbolo da CGDCP), como representação da abundância.



Pintura a óleo s/tela do pintor Júlio Santos, [década de 1930]. Sala do público.

Finalmente, a 5 de junho de 1933, abrem ao público, as novas instalações da Caixa na Póvoa de Varzim, na Praça do Almada, n. ° 20.



Edifício da agência de Póvoa de Varzim, após conclusão [década de 1930]. Processos de obras. AHCGD (piso -4).



Interior da agência de Póvoa de Varzim, sala do público [década de 1930]. Processos de obras. AHCGD (piso -4)



Interior da agência de Póvoa de Varzim, sala do público, sendo visível a pintura de Júlio Santos [década de 1930]. Processos de obras. AHCGD (piso -4).



Interior da agência de Póvoa de Varzim, sala do público (*back office*) [década de 1930]. Processos de obras. AHCGD (piso -4).

Nos anos precedentes à inauguração do edifício, notou-se uma franca expansão dos serviços da Caixa, o que provocou alguns transtornos, sobretudo a nível físico. Com a transferência do armazém da Casa de Crédito Popular (CCP), deduz-se, das antigas salas das instalações da Câmara Municipal para o novo edifício, a agência ficou sem espaço para arrecadar valores, como testemunha o ofício n.º 1177, da intenção do chefe em vender alguns objetos considerados inúteis e com dimensões incómodas:

São êsses valores constituídos por grades de ferro e de metal amarelo, portas antigas, 1 bacia de louça em mau estado, 2 fogões de petróleo inutilizados, 2 taboletas, 2 candieiros para gás, uma canalização de gás em ferro zincado, restos de uma instalação eléctrica, um balcão (...).

2. Remodelação e ampliação do edifício

A 25 de junho de 1940, o arquiteto João Simões apresenta ao Administrador Geral da CGDCP, um estudo de remodelação da instalação de penhores da agência correspondente ao serviço da CCP.

O engenheiro Francisco Maria Henriques⁴ em carta dirigida ao Administrador Geral da CGDCP, considerou que a construção fora feita com vigamentos de madeira e poucas vigas de reforço de ferro não tendo sido ainda empregue betão armado, material indispensável para maior durabilidade do edifício:

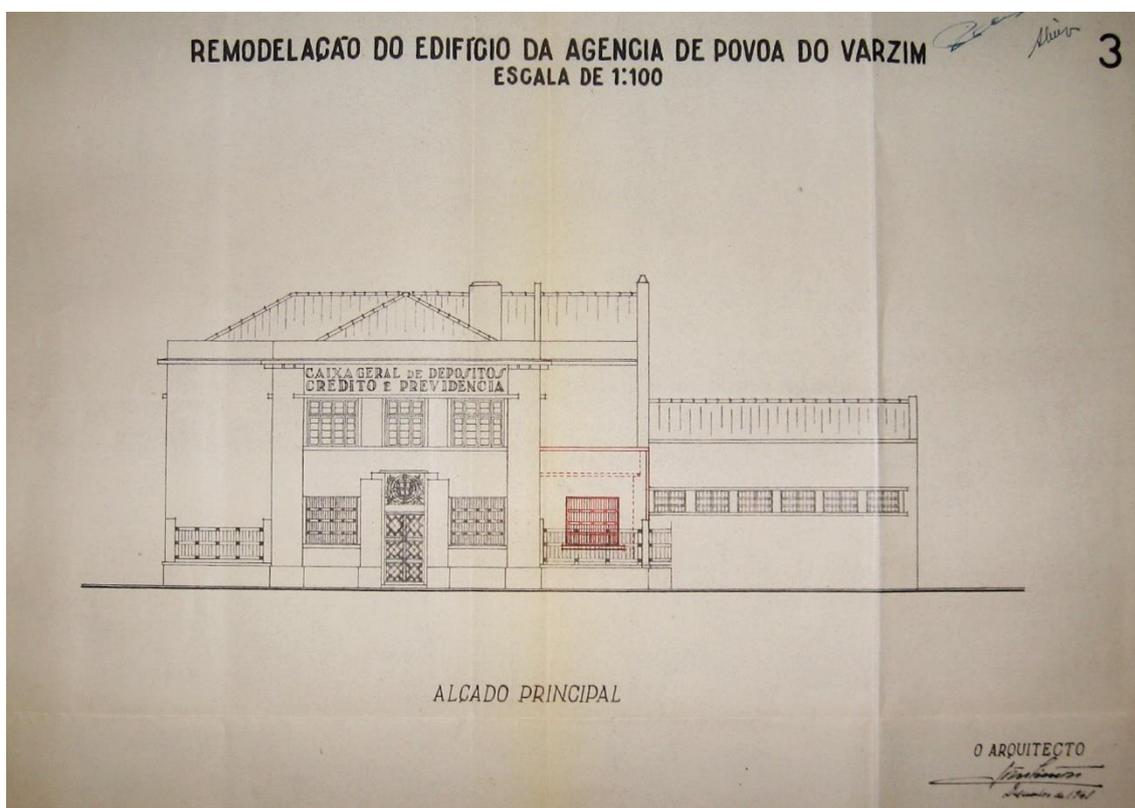
⁴ Entende-se ter sido engenheiro da CAOCGDCP.

Os grandes vãos, como os da sala do público, e os pavimentos sujeito a fortes cargas, como o do armazém da Casa de Crédito Popular, ressentiram-se dos materiais e dos processos de construção empregados (...).

Com o crescimento dos empréstimos sobre penhores tornou-se necessário ampliar o armazém onde se fazia a recolha dos objetos penhorados, instalado numa parte do rés-do-chão do edifício. Não seria possível continuar a utilizar, mesmo que provisoriamente, o 1.º andar para armazenamento desses objetos pesados. Foi diligenciada a ampliação da agência no prolongamento do armazém existente, num terreno contíguo que pertencia à Caixa.

Por conseguinte, o arquiteto João Simões assina, em dezembro de 1941, o caderno de encargos das obras propostas:

Construção do arquivo e do gabinete anexo, deslocação da cabine de tesoureiro para o eixo da sala de expediente (...) construção de divisórias no armazém de penhores do rés-do-chão para permitir que o fiel não fique em contacto directo com o ambiente das roupas ou outros objectos armazenados e, além disso, em melhores condições de salubridade, construção de um balcão e três cabines no novo armazém que passará a funcionar como sala do público de penhores (...).



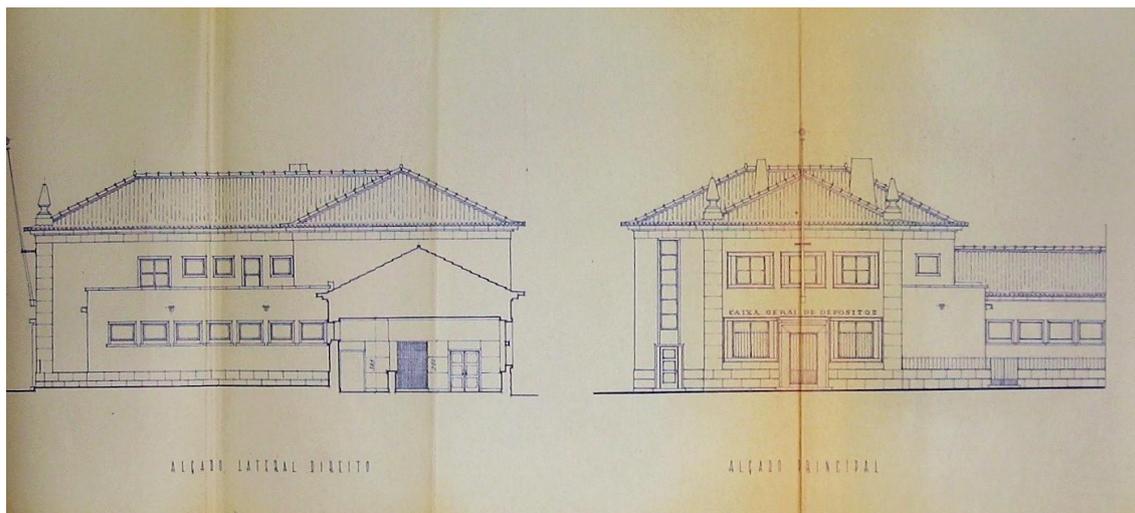
Projeto do arquiteto João Simões (alçado principal), dezembro de 1941. Processos de obras. AHCGD (piso -4)

A receção provisória da empreitada de remodelação e ampliação aconteceu a 14 de janeiro de 1943.

3. Nova empreitada de remodelação

Foi considerado na Memória Descritiva do novo projeto de remodelação da agência da Póvoa de Varzim, que a mesma, resultara do agregado de duas construções de períodos diferentes, uma com intenção de acomodar parte dos serviços e a outra, já existente com algumas adaptações. Foi por isso considerado um conjunto heterogéneo que não servia convenientemente o serviço.

No ofício n.º 264 (9 de março de 1950), dirigido pelo diretor delegado da CAOCGDPCP ao diretor geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, fizeram-se algumas considerações no intuito de esclarecer o processo em curso, sendo que, para se levar a efeito a obra de ampliação e remodelação tornar-se-ia necessário, efetuar os estudos preliminares. A sua execução foi incumbida ao arquiteto Amândio Vaz Pinto de Amaral.



Projeto de remodelação do edifício da agência de Póvoa de Varzim, s/a, 7 de setembro de 1949. Processos de obras. AHCGD (piso -4)

Assim, a 23 de março de 1950, foi celebrado o contrato de adjudicação entre a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGMEN) e Valentim Dias de Oliveira, para execução da nova empreitada, tendo sucedido, a 5 de janeiro de 1953, a receção provisória das obras do edifício.

Posteriormente, na década de 1990, foi apresentado novo projeto de remodelação e ampliação para a agência, da autoria do arquiteto Carlos Sottomayor. Desde então, não foram executadas alterações de grande envergadura na agência de Póvoa de Varzim.

Helena Real Gomes

GPH/ DCM

Janeiro/2020